

INFORMATIVO **bancário**

www.bancariosdf.com.br

Brasília, 30 de julho de 2012

Ano 18 - Número 1.305



CUT

CONTRAF

FETECUT
Centro Norte



Leia nesta edição



14ª Conferência : bancários definem pauta de reivindicações da Campanha Nacional 2012

CAMPANHA NACIONAL 2012



ELE ESTÁ PRESTES A SER DESMASCARADO!



ELE É ILUSIONISTA E USA TRUQUES PARA ENGANAR OS CLIENTES E A SOCIEDADE

Campanha Nacional

Bancários definem pauta. *Momento é de mobilização*

Fotos: Leandro Taques - Contraf-CUT

Foram aprovados na 14ª Conferência Nacional dos Bancários, realizada em Curitiba entre os dias 20 e 22 de julho, reajuste de 10,25% (inflação mais 5% de aumento real), piso de R\$ 2.416, PLR (Participação nos Lucros e Resultados) equivalente a três salários mais R\$ 4.961,25 fixos, além de mais contratações e fim da rotatividade, fim das metas abusivas e combate ao assédio moral. Os delegados também aprovaram como bandeira política a construção de uma Conferência Nacional do Sistema Financeiro, na qual a sociedade possa discutir e definir qual o papel que os bancos devem desempenhar no país.

A Conferência também decidiu intensificar a luta pelo cumprimento da jornada de 6 horas para todos, pela contratação da remuneração total do bancário e pela ampliação da campanha pela inclusão bancária, que assegure prestação de todos os serviços financeiros a toda a população, realizada em agências e PABs por profissionais bancários, de forma a garantir atendimento de qualidade, respeitando as normas de segurança e protegendo o sigilo bancário.

Processo democrático

“Entramos agora na fase das mobilizações que tratarão não apenas da remuneração e do emprego, mas também dos demais eixos



Bancários de todo o país aprovam a pauta: hora de pressionar

que compõem a minuta aprovada. Estamos com a categoria bastante mobilizada para termos sucesso em todas as nossas reivindicações”, afirma Carlos Cordeiro, presidente da Contraf-CUT.

Presente à Conferência, o presidente do Sindicato e da Central Única dos Trabalhadores do Distrito Federal (CUT-DF), Rodrigo Britto, afirmou que a participação da categoria nas atividades organizadas pelos sindicatos garantirá novas conquistas. “É hora de unirmos forças para pressionar os bancos a atenderem nossas reivindicações”.

“A exemplo do ano passado, em que lançaram mão do discurso

da crise para negar o atendimento das reivindicações dos bancários, na Campanha deste ano os bancos vão usar a desculpa da redução das taxas de juros e dos spreads para tentar minar a nossa luta. Mas o fato é que os bancários seguem produzindo e as instituições financeiras, ampliando seu espaço no mercado, a fatia de clientes e o valor das tarifas cobradas na prestação de serviços, mantendo assim a lucratividade em alta, de modo que há plenas condições de atenderem as reivindicações da categoria”, ressaltou o diretor do Sindicato Eduardo Araújo.

Resultado de um amplo e democrático processo de debates, a Conferência Nacional atende a expectativa dos bancários de todo o país e aproxima ainda mais o movimento sindical da realidade cotidiana da categoria, da vida do bancário em seu local de trabalho e consolida a nossa unidade.

“Mesmo com todas as divergências nos debates promovidos entre todas as delegações, as reivindicações sobre saúde, emprego, remuneração, condições de trabalho e segurança bancária resultaram na minuta aprovada pelos delegados”, frisou o presidente da Federação dos Trabalhadores em Empresas de Crédito do Centro Norte (Fetec-CN), José Avelino.

Principais reivindicações

- Reajuste salarial de 10,25%, o que significa 5% de aumento real.
- PLR de três salários mais R\$ 4.961,25 fixos.
- Pisos:
Escriturário – R\$ 2.416,38;
Caixas – R\$ 3.262,11;
1º comissionado – R\$ 4.107,85.
- Plano de Cargos, Carreiras e Salários (PCCS) para todos os bancários.
- Auxílio-educação para graduação e pós-graduação.
- Auxílio-refeição e vale-alimentação, cada um igual a R\$ 622,00.
- Emprego: aumentar as contratações, acabar com a rotatividade, fim das terceirizações, aprovação da Convenção 158 da OIT (que inibe demissões imotivadas) e ampliação da inclusão bancária.
- Cumprimento da jornada de 6 horas para todos.
- Fim das metas abusivas e combate ao assédio moral para preservar a saúde dos bancários.
- Mais segurança nas agências e postos bancários.
- Previdência complementar para todos os trabalhadores.
- Contratação total da remuneração, o que inclui a parte variável da remuneração.
- Igualdade de oportunidades.



Delegação de Brasília ao final da Conferência: processo democrático

Categoria unida é categoria forte

Fortalecer a unidade nacional para construir uma grande mobilização e buscar novas conquistas. Foi esse sentimento comum que marcou a abertura solene, na noite do dia 20, da 14ª Conferência Nacional dos Bancários.

“Apesar de pontos de vista às vezes divergentes, temos muito mais coisas em comum e um grau de unidade muito grande que conquistamos nesses anos de luta, fundamental para que sejamos a única categoria com a mesma Convenção Coletiva de Trabalho, que em 2012 completa 20 anos”, afirmou Carlos Cordeiro, presidente da Contraf-CUT e coordenador do Comando Nacional dos Bancários. “E só vamos avançar na CCT com o fortalecimento dessa unidade.”

“Além do aumento real de

salário, da valorização do piso e das melhorias na PLR, temos que eleger o combate à rotatividade como o eixo principal da campanha, para acabar com esse instrumento perverso de redução da massa salarial da categoria”, propôs Carlos Cordeiro.

“É senso comum que a crise econômica será usada como argumento para dificultar a negociação. Mas a crise não é dos bancários”.

Os bancos não enfrentam crise

A terceirização, a rotatividade, o assédio moral, o acúmulo de serviço e o aumento da jornada não se justificam em um setor que lucrou R\$ 52 bi no ano passado e que, só no primeiro trimestre deste ano, acumulou R\$ 12 bilhões (considerando apenas os balanços dos cin-

co maiores bancos do país).

Os bancos não estão passando por crise nenhuma. Os bancários têm que também fazer coro com a sociedade e lutar por um sistema financeiro que de fato cumpra seu papel social, promovendo desenvolvimento com sustentabilidade.

A unidade se dá na ação concreta

A CCT nacional, que completou 20 anos, e a unificação da negociação de bancos privados e públicos, em 2006, são dois patrimônios da luta da categoria. O primeiro garantiu que todos os bancários tivessem os mesmos direitos, do Rio de Janeiro ou do Acre. O segundo, em 2006, foi a conquista da unidade dos trabalhadores bancários.

A unidade nacional da catego-

ria é essencial e a sua construção foi realizada coletivamente por todos os estados brasileiros ao longo das décadas. Essa construção se dá na ação concreta de cada dia.

“Precisamos refletir sobre nossa luta, como fortalecer a greve, fortalecer a organização no local de trabalho e lá combater o assédio moral que tem levado a categoria ao adoecimento mental”, disse o secretário de Saúde e Condições de Trabalho do Sindicato, Antonio Abdan.

“Os bancos vão usar a crise e a decisão do governo de reduzir os juros como justificativas para não atender nossas reivindicações, mas o aumento das tarifas e os lucros do setor financeiro derrubam essa falácia e mostram que eles têm condições de fazê-lo”, observou a secretária de Imprensa do Sindicato, Rosane Alaby.

Regulamentação do Sistema Financeiro

A concentração bancária, que vem se mostrando uma tendência no cenário nacional, é perigosa, pois resulta em maior concentração de poder financeiro e político. A afirmação é do cientista político Moisés Marques, coordenador-geral do Centro 28 de Agosto do Sindicato dos Bancários de São Paulo, Osasco e Região. “Os bancos possuem informações sobre a vida de seus clientes, possuem dinheiro para financiar eleições”, advertiu ele, durante painel sobre conjuntura e sistema financeiro, no dia 21, segundo dia da 14ª Conferência Nacional dos Bancários, em Curitiba.

Moisés avaliou que o sistema financeiro nacional passa por um momento delicado, em que os grandes bancos estão se aposando dos médios e pequenos. “Os pequenos bancos trabalham alavancados, ou seja, emprestam mais do que possuem, e costumam equacionar esse problema vendendo as dívidas para os maiores. Mas os grandes bancos, percebendo que os pequenos estão com problema de liquidez, estão deixando de comprar esses ativos e se lançando no movimento de engoli-

-los. Daí a tendência das fusões e concentração de poder”, explicou Marques, citando como exemplos a aquisição de parte do Votorantim pelo Banco do Brasil e a do BMG pelo Itaú.

Ele ressaltou também a crise econômica mundial causada pela ganância dos bancos e a necessidade de mecanismos de regulação do sistema financeiro. “Os bancos precisam ser organizados e regulados para deixar de ser vetores de crise.”

Concentração

Falta regulação das instituições financeiras. É espantoso para a categoria que mesmo com a crise internacional, que foi oriunda do sistema financeiro, os bancos continuem sem regulação. Para o movimento sindical os bancos não podem se autorregular, eles trabalham por meio de concessão pública, lidam com o dinheiro das pessoas e têm de servir ao desenvolvimento da nação.

O especialista criticou a concentração do sistema financeiro no Brasil, onde os seis maiores bancos detêm 81% dos ativos e



Conferência Nacional

Para estruturar uma Conferência Nacional do Sistema Financeiro, os conferencistas propõem que sejam tomadas iniciativas no sentido de criar uma comissão tripartite com representantes do governo federal e das instituições financeiras.

Entre as propostas deliberadas está também a de elaboração de projeto de iniciativa popular para regulamentação do Artigo 192 da Constituição Federal (relativo ao sistema financeiro). Os bancários se posicionaram ainda pela estatização do sistema financeiro e pela participação dos trabalhadores nos conselhos de Administração dos Bancos e no Conselho Monetário Nacional.

Secretária-geral do Sindicato, **Cida Sousa** participou dos debates sobre sistema financeiro. Na opinião de Cida, a categoria precisa se mobilizar para realizar a primeira Conferência Nacional do Sistema Financeiro. “É essencial que os bancários, o governo e os bancos discutam em uma conferência nacional qual o papel que o sistema financeiro deve desempenhar para ajudar o país a se desenvolver de forma responsável”.

86% das operações de crédito. “E sabemos que eles ditam as regras mesmo, inclusive financiando campanhas eleitorais.”

A realidade nacional aponta para a necessidade de duas reformas fundamentais: a política e a tributária. Hoje quem financia as campanhas eleitorais são os grandes bancos, o agronegócio, entre outros. Os bancários precisam fazer uma grande mobilização por reforma política, para termos uma democracia forte e participativa. Além disso, defender a reforma tributária para melhorarmos os investimentos em educação, pois um país só se desenvolve quando investe em seus talentos.



ELE FAZ TRUQUES COM OS CLIENTES!

Emprego

Bancos têm capacidade de contratar muito mais

A 13ª Pesquisa de Emprego Bancário apresentada no dia 20 aos trabalhadores reunidos na 14ª Conferência Nacional comprova: os bancos podem e devem contratar mais

De acordo com a pesquisa, nos últimos anos houve expansão na contratação bancária. Se no início dos anos 1990 eram cerca de 730 mil bancários no país e ao final da década o número caiu para 392 mil, a partir do ano 2000 os empregos voltaram a crescer. Em 2012, a categoria bancária é formada por 508 mil trabalhadores, crescimento de 29% em relação ao final da década de 1990.

No entanto, esse aumento está muito aquém da capacidade do setor. Em 2004, os cinco maiores bancos atuantes no Brasil lucraram R\$ 18 bilhões. Já em 2011, este lucro pulou para mais de R\$ 50 bilhões.

Os dados de 2012 mostram que a geração de emprego diminuiu neste ano em relação aos últimos dois anos.

No primeiro trimestre de 2012, foram criados cerca de 1.100 postos, o que significa queda de 83% em comparação com a geração de empregos formais no setor, nos últimos anos.

A pesquisa também aponta que há concentração de novas vagas na região Sudeste, onde estão 61% dos trabalhadores bancários.

Dados indicam diminuição no tempo que os bancários mantêm-se no emprego. Em 1995, 46% dos empregados possuíam mais de 10 anos de casa. Em 2010, o percentual passou para apenas 26%. Isso mostra a alta rotatividade no setor, que tem atingido especialmente os funcionários com mais tempo de banco e, portanto, com salários maiores.

A estratégia da rotatividade para diminuição de gastos fica muito clara. Ao compararmos o salário, um bancário contratado chega a receber até 38% menos do que o que ocupava o mesmo cargo anteriormente.

Terceirização

O aumento expressivo de correspondentes bancários contribui com a precarização do emprego. No início do ano 2000, o número de correspondentes era inexpressivo. Em 2010 já eram quase 158 mil e agora, em 2012, já são mais de 300 mil.

Jornada

A jornada de seis horas diárias, na prática, é amplamente desrespeitada. Metade dos bancários já trabalha entre 31 horas e 40 horas por semana. Em 1995, esse número era de 31%. “Por isso a importância da luta pela redução da jornada. Temos de lembrar que não é apenas a extensão da jornada, mas também a intensificação, porque o ritmo de trabalho é cada vez mais forte”, salientou o economista Nelson Karam.

Mulheres

Em 1995, a participação da mulher no setor bancário era de 42%.

Em 2010, o número aumentou para 48%. No entanto, a desigualdade salarial se acentuou nesse período. Em 1995, a diferença salarial entre homens e mulheres era de 21%. Já em 2010, as mulheres passaram a ganhar em média 24% menos que os homens, exercendo as mesmas funções.

Para mudar essa realidade, o secretário de Finanças do Sindicato, **Wandeir Severo** afirma: “A nossa capacidade de mobilização é que determinará o tamanho das conquistas na Campanha Nacional deste ano”.



Geração de empregos nos bancos **cai 83%**

Entre janeiro e março, os bancos desligaram 10.001 trabalhadores e contrataram 11.145. No mesmo período do ano passado, o saldo positivo de empregos nos bancos foi de 6.851 vagas. Essa queda brusca de 83,3% é quase três vezes maior que a desaceleração do emprego na economia como um todo, que apresentou 27,5% de redução de crescimento de vagas de trabalho nos primeiros três meses do ano.

Esses são os principais resultados da 13ª edição da Pesquisa de Emprego Bancário realizada trimestralmente pela Contraf-CUT e pelo Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (Dieese), com base no Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) do Ministério do Trabalho e Emprego.

A pesquisa foi divulgada dia 20 de julho na 14ª Conferência Nacional dos Bancários, durante entrevista coletiva que contou com a presença do ministro do Trabalho e Emprego, Brizola Neto.

O Caged não identifica a evolução do emprego por empresas, mas como divide o segmento por setores, é possível saber que a Caixa Econômica Federal gerou 1.396 postos de trabalho no primeiro trimestre - número superior ao de todo o sistema. Isso significa que sem a Caixa o saldo de empregos no setor seria negativo. Pelos balanços dos bancos, os que mais fecharam postos de trabalho no primeiro trimestre foram o Itaú (1.964) e o Banco do Brasil (406).

A remuneração média dos admitidos foi de R\$ 2.656,92 e a dos desligados de R\$ 4.299,27 no primeiro trimestre - uma diferença de 38,20%.

Na economia brasileira como um todo, a diferença entre a média salarial dos contratados é 7% inferior à média salarial dos demitidos.

“Essa é uma política extremamente prejudicial à categoria, porque, além de rebaixar a média salarial, deixa os bancários permanentemente em tensão por medo de demissões. Isso é uma violência, porque o sistema financeiro não enfrenta nenhuma dificuldade”, criticou o secretário de Comunicação e Divulgação do Sindicato, **Jeferson Meira**.



Descompromisso com o desenvolvimento

Na comparação com o saldo de 321.241 vagas criadas em todos os setores da economia no primeiro trimestre, os bancos contribuíram com apenas 0,35% do total.

Mulheres discriminadas

A pesquisa Contraf-CUT/Dieese também demonstra com clareza a discriminação que as mulheres sofrem nos bancos. A média salarial das bancárias desligadas (R\$ 3.545,66) é 29% inferior à dos bancários (R\$ 4.978,80) que saíram. As mulheres já entram nos bancos ganhando menos que os homens. O salário médio delas, no ingresso, é de R\$ 2.291,98 e o dos homens de R\$ 3.014,91 - uma diferença de 24%.

É preciso gerar novos postos de trabalho

Fotos: Leandro Taques - Contraf-CUT

O Grupo de Trabalho que tratou das reivindicações sobre Emprego, no sábado 21, aprovou uma série de reivindicações para incentivar a criação de postos de trabalho, que passa pelo fim da rotatividade e da terceirização, pela redução da jornada da categoria de 6 para 5 horas diárias com a criação de dois turnos e a ampliação do atendimento bancário das 9h às 17h, com o objetivo de melhorar o atendimento à população.

O secretário de Organização da Contraf-CUT, Miguel Pereira, coordenador da mesa (foto), expôs a atual situação do processo de terceirização, falou dos projetos de lei que estão em trâmite no Congresso Nacional e destacou a importância da mobilização do movimento sindical para combater essa prática nos bancos e a tentativa do Congresso Nacional de legalizar a precarização do trabalho via aprovação do PL 4330 do deputado Sandro Mabel.

O texto aprovado no GT Emprego pede o fim da terceirização nos setores de compensação, tesouraria, caixa rápido, home banking, autoatendimento, teleatendimento, cobrança, cartão de



crédito, retaguarda, concessão de crédito e atendimento direto aos clientes e demais setores bancários.

Correspondentes bancários

Os correspondentes bancários, outra forma de terceirização, também foram debatidos na Conferência Nacional. Miguel lembrou que o número de correspondentes está em constante crescimento, e que os trabalhadores destes locais exercem funções de bancários, mas não possuem direitos e nem salários da categoria. Os trabalha-

dores terceirizados chegam a ganhar um terço a menos.

Jornada de 5 horas

A proposta prevê a redução de seis para cinco horas diárias de trabalho (25 horas semanais), sem redução de salário. O objetivo é garantir a criação de dois turnos para ampliar o horário de atendimento nas agências, das 9h às 17h.

Os sindicalistas querem o cumprimento das leis que limitam o tempo de espera nas filas, mas sem sobrecarregar os funcionários e ainda promover a geração de

mais empregos no setor financeiro, inclusive os que possuem cargos comissionados. “Mas temos de deixar claro que este horário depende da criação de mais um turno e de mais contratações”, destacou Miguel Pereira.

O dirigente informou que em recente entrevista, o próprio presidente do TST, João Oreste Dalazen, afirmou a arbitrariedade que os bancos cometem ao estender a jornada de trabalho de seus comissionados para 8h, declarando que são “gerentes sem subordinados”.

Contra a rotatividade

Os delegados também votaram as atualizações das reivindicações das seguintes cláusulas, conforme sugestões enviadas de todo o Brasil: garantia contra dispensa imotivada (Convenção 158 da OIT), estabilidade provisória de emprego, estágio profissional, comissão paritária para debater a acompanhar as mudanças tecnológicas, isenção de tarifas e juros menores para a categoria, qualificação e requalificação custeada pelos bancos, prazo para homologação de rescisão, contratação de trabalhadores com deficiência física, entre outros.

Ministro do Trabalho assume compromisso de combater a alta rotatividade

O ministro do Trabalho e Emprego, Brizola Neto, assumiu o compromisso de enfrentar, junto com os bancários e demais categorias, a rotatividade que ocorre em alguns segmentos do mercado de trabalho, como o setor financeiro.

Além de ser perverso com o trabalhador, que perde seu emprego, o problema tem um alto custo para o governo. “A rotatividade contribui para um gasto de cerca de R\$ 30 bilhões por ano com seguro-desemprego, dinheiro que deveria ser investido na qualificação profissional e no abono salarial dos trabalhadores”, disse o ministro.

“Os governos neoliberais privatizaram, elevaram as taxas de juros,



quase destruíram a economia nacional gerando desemprego em massa. Foram duas décadas perdidas. No

Brasil foi criada uma das redes bancárias tecnologicamente mais avançadas do mundo, mas, ao lado do

processo inflacionário, essa modernidade resultou na drástica redução do emprego no setor financeiro”.

Perto do pleno emprego

O presidente da Contraf-CUT, Carlos Cordeiro, expressou ao ministro sua preocupação com o projeto de Lei 4330/04, do deputado Sandro Mabel (PMDB-GO), que tramita no Congresso Nacional. O projeto, se aprovado, escancara a terceirização no país e representa uma ameaça real à categoria bancária e a toda a classe trabalhadora, promovendo ainda mais a precarização no trabalho.



ELE FAZ TRUQUES COM OS SALÁRIOS!

Saúde

Professor da Unicamp responsabiliza modo de produção pelo assédio moral

Foto: Leandro Taques - Contraf-CUT

Apontado pelos trabalhadores como um dos temas mais urgentes nas últimas campanhas, o debate sobre saúde e condições de trabalho tomou boa parte da sexta (20), primeiro dia da 14ª Conferência Nacional dos Bancários, em Curitiba. O professor Roberto Heloani, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), ressaltou a atual forma de organização do trabalho, tanto bancário como de outras categorias, como a responsável direta pelo assédio moral.

“Pensar que o assédio moral é causado somente pela postura do gestor ficou para trás. O assédio acontece quando eu vejo o outro como instrumento, passível de se jogar fora”, sentenciou.

O professor defende que quem pratica o assédio moral naturaliza o processo, até mesmo de forma inconsciente, e não consegue pensar mais. E que a responsabilidade por esse quadro é da organização do trabalho, da empresa, da instituição financeira.

Heloani explicou que as consequências do assédio moral e das relações de trabalho são muito evidentes na vida de cada pessoa e que são resultado não de conflitos, naturais no ambiente de trabalho, mas do isolamento do trabalhador. “Com o isolamento, a discriminação, o indivíduo torna-se um péssimo funcionário, é a alavanca para jogar o cara para fora, para ser demitido.”



Para Roberto Heloani, quem pratica o assédio naturaliza o processo

Consequências

“A nova configuração do trabalho atinge as relações familiares, o sujeito se torna insuportável para ele mesmo”, apontou Heloani, lembrando o processo de reengenharia de um banco público que teve como consequência o suicídio de 26 bancários, 19 deles dentro das agências onde eram seus locais de trabalho. “É uma organização de trabalho que não tem um pinga de respeito pelo ser humano.”

Ética e moral

Roberto Heloani apontou outro quesito que interfere no funcionamento das relações de trabalho: os trabalhadores bancários sofrem

exposição chamando a atenção dos bancários sobre como combater o assédio moral. “Falta coesão e solidariedade do grupo. Só vamos vencer essa batalha revendo a forma de trabalhar, não fazendo com os outros o que não queremos que façam com a gente”.

Diretora da Contraf-CUT e do Sindicato, **Fabiana Uehara** disse que, além de aumento real de salário, PLR mais justa e piso de R\$ 2.416,38, os bancários também querem melhores condições de trabalho, fim das metas abusivas e do assédio moral. “A saúde é essencial para o trabalhador”. Sobre a conferência, Fabiana elogiou a organização e o formato do fórum. “A conferência ofereceu estrutura completa para os delegados trabalharem, incluindo brinquedoteca para os filhos dos participantes. Além disso, os debates tiveram abordagens amplas e minuciosas”.



porque têm princípios. “No sistema de metas, o que interessa é o resultado, não o processo. As pessoas têm vergonha de olhar nos olhos dos clientes, por pudor, por vergonha. A organização do trabalho está gerando isso.”

Para ele, o bancário pode ter metas a cumprir, desde que não sejam absurdas e impossíveis de serem cumpridas. “Os bancários são obrigados a vender aquilo em que eles não acreditam.” Heloani chama esse processo de cultura do cinismo. “Quando você age dessa forma, reproduz essa lógica, de forma inconsciente, para seu próprio colega. Quando vem a cobrança, você não tem apoio de ninguém, é o assédio horizontal.”

Roberto Heloani finalizou sua

Por mais saúde e condições de trabalho, segurança e igualdade

A luta pelo fim das metas abusivas e o combate ao assédio moral foi reafirmada no grupo de saúde e condições de trabalho, segurança bancária e igualdade de oportunidades, durante os debates.

Os participantes discuti-

ram outros temas referentes à saúde como os meios para garantir a emissão pelos bancos da Comunicação de Acidente de Trabalho (CAT), o programa de reabilitação e as questões que envolvem a violência organizacional.

O grupo ainda debateu a in-

clusão de uma reivindicação para que os bancos complementem o salário de aposentados que continuam na ativa em caso de afastamento por doença ou acidente de trabalho. Foi aprovada a garantia de que o banco desenvolva políticas contra discriminação de traba-

lhadores que estão em processo de reabilitação e o cumprimento da NR 17, que não contempla a maioria dos bancários, para que todos tenham direito a intervalo de 10 minutos após 50 minutos de jornada em trabalhos repetitivos.

Remuneração

Dieese apresenta estudo sobre remuneração

Foto: Leandro Taques - Contraf-CUT

A mobilização nacional e unificada dos bancários garantiu 13,93% de aumento real nos salários nos últimos oito anos. A média salarial da categoria, no entanto, não reflete essa realidade: cresceu apenas 3,6% nesse período, principalmente em função da rotatividade no sistema financeiro, utilizada pelas empresas para reduzir a folha de pagamentos. Os bancos trocam profissionais com salários mais altos por novos empregados com remuneração mais baixa.

Em 2004, o bancário recebia, em média, R\$ 4.279. O valor subiu para R\$ 4.435 em 2011 - crescimento de 3,6%. No mesmo período, a lucratividade dos maiores bancos saltou de R\$ 23,32 bilhões para R\$ 53,42 bilhões - aumento



de 230,43%.

A economista do Dieese Catia Uehara (foto) destacou o fato de a renda média dos bancários não conseguir acompanhar sequer o crescimento da massa salarial e da

geração de empregos no setor. O número de postos de trabalho saltou de 393.140 mil em 2001, para 506.699 em 2011, o que representa aumento de 28% de novos postos. No entanto, a questão da

rotatividade é o grande vilão para a categoria. “A diferença do salário pago entre o admitido e o desligado é, em média, 38% inferior. Esse tem sido o mecanismo usado pelos banqueiros para atenuar o impacto das negociações coletivas”, ressaltou Catia.

Catia destacou os avanços na regra da Participação nos Lucros e Resultados (PLR) com dados demonstrativos do crescimento do peso da remuneração variável na renda do bancário. A representatividade da remuneração variável na remuneração total do bancário subiu de 5,4% em 1995, para 14,5% em 2011. No mesmo período, a remuneração de renda fixa passou de 67,7% para 62% da renda total. Quanto à renda fixa indireta os percentuais passaram de 26,9% para 23%.

Bancos seguem batendo recorde de lucratividade

Balanco divulgado pelos dois maiores bancos privados do país mostra que as instituições financeiras seguem batendo recordes de lucratividade. Somente nos seis primeiros meses deste ano, Bradesco e Itaú obtiveram lucro líquido acumulado de R\$ 12,8 bilhões.

O Itaú aparece na liderança. Registrou lucro líquido de R\$ 7,13 bi, crescimento de 2,5% em relação a igual período do ano passado. Já o Bradesco bateu a casa dos R\$ 5,7 bi, aumento de 2,7%. “São resultados muito expressivos, mesmo com a queda dos juros, apontando cenário positivo para a Campanha Nacional dos Bancários que se inicia. As negociações vão começar a partir da semana que vem e vamos cobrar melhores condições de trabalho, mais segurança, o fim do assédio moral e das metas abusivas e aumento real”, destaca Eduardo Araújo, diretor do Sindicato.

De acordo com o secretário de Estudos Socioeconômicos do Sindica-

to, Eustáquio Ribeiro, “os resultados só não foram ainda maiores porque os bancos aumentaram, de forma injustificada, as provisões para devedores duvidosos, que entram como despesa no balanço e acabam por diminuir o lucro”. No caso do Bradesco, houve elevação em 39,8% das provisões para créditos de liquidação duvidosa, que saltaram de R\$ 2,43 bilhões no segundo trimestre do ano passado para R\$ 3,40 bi no mesmo período de 2012 - embora o índice de inadimplência superior a 90 dias tenha crescido apenas 0,5%.

No Itaú, o aumento das provisões foi de 26,7% no comparativo entre os primeiros semestres de 2011 e 2012, alcançando R\$ 12 bilhões, e representa 38 vezes o incremento de 0,7% na inadimplência registrada pelo banco no mesmo período. “Há um superdimensionamento das provisões de credores duvidosos, já que a inadimplência real é baixa”, rebate Araújo.

Santander exagera na mão

No ranking de expansão dos lucros, a exceção ficou por conta do Santander Brasil, que anunciou lucro líquido semestral de R\$ 3,230 bilhões, recuo de 4,3% em relação ao mesmo período do ano passado, de acordo com o padrão contábil brasileiro (BR Gaap). Ainda assim as operações no Brasil responderam por 26% do resultado do Santander em todo o mundo.

O resultado foi fortemente impactado pelo montante de provisionamento, que registrou crescimento de 36,1% em relação ao primeiro semestre do ano passado.



Ilustração: Valdo Virgo



ELE NUNCA REVELOU SEUS TRUQUES, MAS AGORA ELES SERÃO REVELADOS PELO MISTER MOBILIZAÇÃO!

Segurança

Trabalhadores cobram responsabilidade

Pela primeira vez uma Conferência Nacional dos Bancários teve um painel para discutir especificamente segurança bancária. O tema foi debatido na sexta-feira 20 e contou com a participação do coordenador do Coletivo Nacional de Segurança da Contraf-CUT, Ademir Wiederkehr, e do presidente da CNTV (Confederação Nacional dos Vigilantes), José Boaventura.

Para eles, o cenário de descaso dos bancos torna necessária a ampliação da discussão sobre o tema e a pressão para que haja mais inves-

timentos em segurança. Segundo dados do Dieese, os cinco maiores bancos que operam no país apresentaram lucros de R\$ 50,7 bilhões em 2011, mas os investimentos em segurança e vigilância somaram apenas R\$ 2,6 bilhões, o que significa 5,2%, em média, na comparação com os lucros.

Conforme Boaventura, “o investimento em segurança feito pelos bancos é para a segurança do dinheiro, não das pessoas”. “Agência bancária é um local de risco e é preciso responsabilizar os bancos pela segurança dos bancários, vigilantes e clientes”, completou Ademir.

Mortes

Pesquisa nacional de mortes e assaltos envolvendo bancos, realizada pela CNTV e Contraf-CUT e divulgada na quinta (19), demonstra que 27 pessoas foram assassinadas no primeiro semestre de 2012, uma média de 4 vítimas fatais por mês, o que representa um aumento de 17,4% em relação ao mesmo período do ano passado, quando foram registradas 23 mortes.

Para os especialistas, todos os dados apresentados reforçam a necessidade de atualização da legislação federal de segurança que se encontra

defasada diante do crescimento da violência e da criminalidade.

Mais parcerias entre bancários e vigilantes

O aumento das parcerias entre bancários e vigilantes foi reforçado durante o painel. Ademir defendeu a ampliação da luta por mais segurança e a unificação da data-base para unir ainda mais as lutas das categorias e aumentar as conquistas.

Para Boaventura, é necessário trazer a opinião pública para a discussão, já que o debate é também de interesse da população.

Igualdade de oportunidades

É preciso vontade política para pôr em prática a transversalidade

O debate sobre a transversalidade abriu os trabalhos da 14ª Conferência Nacional dos Bancários na sexta 20. Trabalhadores do setor financeiro de todo o Brasil ouviram a assessora de formação de gênero, trabalho e sindicalismo **Didice Godinho Delgado** defender que é possível colocar em prática a transversalidade.

“Para que a transversalidade se torne realidade depende de que haja um trabalho de convencimento da sua necessidade, como fator estratégico para se alcançar os objetivos gerais pelos quais luta o movimento sindical”, afirmou Didice. “Precisamos fazer uma análise inicial sobre o tema abordado, senão vamos continuar fazendo políticas neutras e elas não podem existir já que a realidade não é neutra. A discriminação é transversal”, ressaltou.

É necessário colocar algumas perguntas-chaves no momento de definir políticas, sejam elas econômi-

Foto: Leandro Taques - Contraf-CUT



cas ou políticas, para que se garanta a transversalidade. Como a situação em questão afeta os grupos historicamente discriminados ou qual o impacto de tal política sobre os grupos historicamente discriminados? Como reduzir a desigualdade e a discriminação salarial? Quais critérios devem ser adotados de promoção e acesso a cargos que eliminem discriminação de todo o tipo, além de critérios de valorização da escolaridade, de acesso à capacitação?

Há outros aspectos importantes a se levar em consideração no

momento de se traçar políticas sobre a transversalidade: 1) formação e treinamento para superar nossos próprios preconceitos e 2) prever recursos e planejar monitoramento, avaliação e ter coordenação das ações. “Essa transformação não é simples, requer transformação institucional e envolve relações de poder internas às organizações”, explicou Didice.

Convenção 156

É necessário cobrar do governo federal a assinatura da Convenção 156 da OIT que trata das responsabilidades familiares tanto de homens quanto de mulheres. No encontro em Curitiba foi lembrada a 4ª Conferência Mundial da Mulher da ONU, realizada em 1995, quando a convenção foi assinada e se formulou uma diretriz para políticas de construção de igualdades. O objetivo era conseguir maior impacto na busca

de superar as discriminações de gênero e alcançar maiores níveis de igualdade entre homens e mulheres.

“Ninguém mais tem dúvida de que essas políticas são necessárias para corrigir distorções históricas, mas o Brasil continua sem ser signatário”, criticou.

Na opinião do diretor do Sindicato Wadson Boaventura, que também é integrante da Comissão de Gênero, Raça e Orientação Sexual da Federação dos Trabalhadores em Empresas de Crédito do Centro Norte (Fetec-CN), o debate sobre igualdade de oportunidades foi produtivo e destacou que muitos trabalhadores ainda são discriminados por sua raça, orientação sexual e gênero. “Após três dias de intensos debates, os bancários aprovaram a pauta de reivindicações. Os itens, construídos democraticamente e com ampla participação dos trabalhadores, refletem os anseios dos trabalhadores de todo o país por melhorias”.

INFORMATIVO
bancário



Sindicato dos Bancários de Brasília

Presidente Rodrigo Lopes Britto (presidencia@bancariosdf.com.br) **Secretária de Imprensa** Rosane Alaby
Conselho Editorial Wandeir Severo (Caixa), Antonio Eustáquio (BRB), Rafael Zanon (BB) e Rosane Alaby (Bancos Privados)
Jornalista responsável e editor Renato Alves **Editor Assistente** Rodrigo Couto **Redação** Rede de Comunicação dos Bancários
Editor de Arte Valdo Virgo **Diagramação** Marcos Alves **Webmaster** Elton Valadas **Cinegrafistas** Ricardo Oliveira e Wellington Santos
Fotografia Agnaldo Azevedo **Sede** SHCS EQ 314/315 - Bloco A - Asa Sul - Brasília (DF) - CEP 70383-400 **Telefones** (61) 3262-9090
(61) 3346-2210 (imprensa) **Fax** (61) 3346-8822 **Endereço eletrônico** www.bancariosdf.com.br **e-mail** imprensa@bancariosdf.com.br
Tiragem 20.000 exemplares **Distribuição gratuita** Todas as opiniões emitidas neste informativo são de responsabilidade da diretoria do SEEB-DF